



## PREVALÊNCIA DE COQUELUCHE NO RIO GRANDE DO SUL ENTRE 2012 E 2022<sup>1</sup>

**Kelen Lise Biazi<sup>2</sup>, Júlia Scheit Carboni<sup>3</sup>, Rilary Silva Sousa<sup>4</sup>, Alan Christmann Fröhlich<sup>5</sup>**

<sup>1</sup> Resumo simples desenvolvido pela Liga Acadêmica de Clínica Médica do Hospital de Clínicas de Passo Fundo-RS (HCPF)

<sup>2</sup> Kelen Lise Biazi. Estudante de Medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Passo Fundo-RS. E-mail: [kelenbiazi@gmail.com](mailto:kelenbiazi@gmail.com)

<sup>3</sup> Júlia Scheit Carboni. Estudante de Medicina da ATITUS Educação. Email: [juliascarboni@gmail.com](mailto:juliascarboni@gmail.com)

<sup>4</sup> Rilary Silva Sousa. Estudante de Medicina na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Passo Fundo-RS. E-mail: [rilary.sousa@uffs.edu.br](mailto:rilary.sousa@uffs.edu.br)

<sup>5</sup> Alan Christmann Fröhlich. Neurologista, professor de Neurologia e Neurofisiologia do Curso de Medicina da ATITUS Educação, supervisor do Programa de Residência Médica em Neurologia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Passo Fundo e preceptor da Liga Acadêmica de Clínica Médica do Hospital de Clínicas de Passo Fundo-RS (HCPF). Email: [neuro@alan.med.br](mailto:neuro@alan.med.br)

**Introdução:** Conceitualmente, a coqueluche é uma doença bacteriana de alto potencial contagioso, cujo agente etiológico consiste na bactéria *Bordetella pertussis*, a qual tem como foco infeccioso o aparelho respiratório. Apesar de todas as faixas etárias serem suscetíveis, essa enfermidade é particularmente crítica em crianças e em idosos, bem como naqueles que possuem condições crônicas subjacentes, nos quais os desfechos de morbidade e mortalidade são piores, assim como custos significativos tanto ao indivíduo quanto ao Estado. Sua manifestação clínica mais clássica é a presença de uma tosse, normalmente com duração de várias semanas, marcada por paroxismos de acessos repetidos, com uma espécie de grito ofegante ao final. Além de caracterizar uma condição prolongada e altamente desagradável, a coqueluche destaca-se por implicar a incapacidade permanente ou mesmo a morte em alguns casos, devido ao acometimento pulmonar, neurológico e nutricional. Nesse sentido, não obstante haver uma imunização contra tal patologia, a queda significativa da cobertura vacinal para diversas doenças infecciosas, em geral, lança luz sobre a importância de se resgatar novamente um projeto sistemático de controle e, até mesmo, de erradicação dessa patologia infecciosa aguda. **Objetivos:** O estudo tem como objetivo descrever a prevalência da coqueluche no estado do Rio Grande do Sul no espectro de dez anos, ou seja, entre 2012 e 2022, e, assim, compreender o grau de risco que essa doença ainda representa, apesar da contribuição da vacinação como principal estratégia profilática atual. **Metodologia:** Trata-se de um estudo ecológico descritivo, no qual os dados analisados foram obtidos no Sistema de Informação de Agravos e Notificação (SINAN), disponíveis no site do DATASUS. Por se tratar de dados agregados de domínio público e sem identificação dos participantes, não necessitará de aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) - instituição que regulamenta pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil. Utilizando-se do sistema mencionado, foram gerados dados referentes ao número de casos de coqueluche cruzado com o estado do Rio Grande do Sul entre os anos de 2012 até 2022, com o objetivo de, então, analisar a prevalência de tal enfermidade. **Resultados:** Conforme os dados obtidos pelo SINAN, compilados pelo Ministério da Saúde no período de 2012 a 2022 com relação ao estado do Rio Grande do Sul, o maior número de casos confirmados notificados de coqueluche ocorreu no ano de 2012, com 764 casos. A partir desse ano até 2016, observou-se um decréscimo gradual dos episódios dessa doença, sendo, em 2013, 515; em 2014, 256; em 2015, 125; e, em 2016, 108. Em 2017, porém, há um incremento brusco do número de casos: passa-se a 313. Essa tendência, contudo, não



permanece entre os anos de 2018, 2019 e 2020, em que se registram, 168, 65 e 10 casos, isto é, há um novo período de diminuição gradual da prevalência da enfermidade. Os últimos dois anos de análise, 2021 e 2022, vêm a quebrar esse padrão, pois neles registraram-se 13 e 37 casos, respectivamente. O decréscimo de 57, 81% verificado entre 2014 e 2016, especialmente, pode ser atribuído à inclusão da vacina dTpa (tríplice bacteriana acelular tipo adulto) para gestantes e profissionais da saúde, à ampliação da quimioprofilaxia aos contatos dos casos suspeitos e também ao próprio ciclo epidêmico da doença, que possui uma ciclicidade de três a cinco anos. O aumento súbito, por ora, de 191,8 %, registrado entre 2016 e 2017, pode estar relacionado ao fato de que, nesse período, houve um aumento da sensibilidade do sistema de vigilância na captação oportuna de casos suspeitos e pela própria idiossincrasia geográfica do estado, o qual, por possuir um inverno tipicamente mais prolongado que o de outras regiões brasileiras, pode ter presenciado a coincidência desse dado, no qual a população reconhecidamente possui maior tendência a doenças infecciosas do trato respiratório devido à aglomeração e à ventilação inadequada dos espaços, à ciclicidade natural da doença. Em relação à cobertura vacinal da vacina Penta, segundo o Ministério da Saúde, tem-se observado um processo de queda desde 2016, o que é anterior à eclosão da pandemia de Covid-19. Entretanto, de fato, a pandemia e todas as limitações que consigo gerou, a exemplo das recomendações de isolamento social, da sobrecarga dos serviços de saúde e dos conflitos político-institucionais em torno do controle epidemiológico da situação de saúde coletiva, possivelmente impactaram negativamente a vacinação por diminuição de demanda. Assim, o percentual populacional suscetível ampliou-se, o que, conseqüentemente, acentuou o risco de propagação da doença, conforme foi ratificado pelo registro dos boletins entre 2020 e 2022. **Conclusões:** Dessa forma, observa-se que, apesar de a coqueluche, em termos gerais, possuir uma tendência decrescente de prevalência desde 1980 no contexto nacional, fatores como a maior sensibilidade da assistência e vigilância no diagnóstico e notificação dos casos, a melhora do diagnóstico laboratorial e coberturas vacinais heterogêneas têm sido associados ao aumento súbito do número de casos em diversos estados do país, inclusive o Rio Grande do Sul, foco deste estudo, no decorrer dos últimos dez anos. Logo, destaca-se como uma das primeiras iniciativas necessárias a ampliação das taxas de imunização, principalmente entre a população de risco, a saber, crianças, idosos e imunossuprimidos, como as gestantes. Além disso, um controle adequado dos doentes é fundamental para reduzir dados deploráveis de morbimortalidade associados a esse quadro de risco. Por fim, uma compreensão mais aprofundada do perfil epidemiológico da doença, bem como de sua evolução enquanto doença infecciosa, pode ser extremamente útil tanto à modernização das abordagens terapêuticas quanto ao planejamento de políticas governamentais profiláticas, enfocadas em épocas específicas do ano, por exemplo. **Palavras-chave:** *Bordetella pertussis*; Cobertura Vacinal; Coqueluche; Estratégias de Saúde; Infecções Bacterianas.